ISSN: 2358-8829

HISTÓRIA, MEMÓRIA E O FAZER HISTORIOGRÁFICO: A UTILIZAÇÃO DO FILME NARRADORES DE JAVÉ NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EREM SANTA ANA, OLINDA, PE, 2026.

Erika Derquiane Cavalcante[1]

RESUMO

Este artigo discute as relações entre história e memória e o fazer historiográfico no ensino de História, destacando o uso do cinema como recurso didático, com o filme Narradores de Javé. Parte-se da compreensão de que a história não se constitui como uma narrativa neutra, mas como uma interpretação baseada na análise crítica das fontes, enquanto a memória se apresenta como subjetiva, plural e marcada por experiências individuais e coletivas. Nesse sentido, o ensino de História deve promover a problematização dessas dimensões, contribuindo para a formação de sujeitos críticos. O objetivo deste trabalho é analisar como o uso do filme pode favorecer a compreensão dos conceitos de história, memória e narrativa histórica. A fundamentação teórica apoia-se em autores como Jacques Le Goff, ao discutir memória e história, Pierre Nora, com o conceito de lugares de memória e Jörn Rüsen, ao abordar a consciência histórica, além de autores que trabalham cinema e história a exemplo de Marcos Napolitano. O filme foi trabalhado com alunos do primeiro ano do ensino médio na Escola de Referência em Ensino Médio Santa Ana, localizada em Olinda, Pernambuco. A metodologia didática consistiu na exibição do filme seguida de atividades orientadas, debates e produção escrita pelos alunos. Os resultados evidenciaram que o recurso cinematográfico facilitou a compreensão das diferenças entre memória e história, bem como das disputas de narrativa e das relações de poder envolvidas na construção do conhecimento histórico. Os alunos demonstraram engajamento, participação ativa nas discussões e desenvolvimento de pensamento crítico ao reconhecerem a multiplicidade de versões presentes no filme, já outros mostraram desinteresse, como será discutido na análise. Conclui-se que, no geral, o uso de Narradores de Javé como recurso didático mostrou-se eficaz e significativo, contribuindo para a aprendizagem dos conceitos trabalhados e para a ampliação da reflexão histórica dos estudantes.

Palavras-chave: História, Memória, Fazer Historiográfico, Cinema.

[1] Professora do Estado de Pernambuco; Mestra em Desenvolvimento Regional pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. erikaderquianecavalcante@gmail.com

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

O ensino de história não se restringe a datas, acontecimentos, personagens e períodos históricos. Assim, o processo de ensino aprendizagem da história envolve a compreensão de que o conhecimento é um processo de interpretação, questionamentos, análise de fontes e de métodos próprios do fazer historiográfico. Nesse sentido, é necessário buscar formas de fazer o aluno compreender o fazer da história e entender como determinadas narrativas sobre o passado são construídas, registradas, preservadas e transmitidas, visto que, a história não se constitui como uma narrativa neutra, mas como uma interpretação do passado.

Nesse contexto, a memória ocupa lugar essencial. Jacques Le Goff (1990) explora a relação entre a memória e a história destacando a importância da memória coletiva na construção da narrativa histórica, além de tentar perceber as múltiplas perspectivas e abordagens na análise do passado.

O cinema entra como uma forma de trabalhar os conceitos de história de forma mais produtiva e lúdica. Nesse sentido, o recurso cinematográfico apresenta situações, personagens e conflitos que podem ser problematizados pelos estudantes. É nesse contexto, que também se faz uso da Lei de Diretrizes e Bases, com a Lei 13.00/ 2014, que em seu artigo 26 parágrafo 8°, fala que “escolas de educação básica devem exibir filmes nacionais por pelo menos 2 horas mensais como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola”. Dessa forma, usar o filme nacional em nossas aulas também é valorizar a produção nacional e tornar essas produções conhecidas pelos alunos, que muitas vezes, só tem contato com esses filmes, por meio da escola, que aqui é vista também como espaço de socialização desse conhecimento.

Portanto, com objetivo de trabalhar conceitos de história, memória o e o fazer historiográfico foi utilizado o filme Narradores de Javé. É um filme de 2003 produzido pela cineasta Eliane Caffé e conta a história de uma comunidade ameaçada de desaparecer por causa da construção de uma barragem. Partindo dessa premissa os moradores ficam sabendo que lugares que são ou tem algum patrimônio histórico podem ser preservados e por isso começam a tentar contar a história da comunidade: “Só não inunda se for patrimônio” (Narradores de Javé, 2003).

ISSN: 2358-8829

Ao saberem disso, as pessoas começam a se mobilizar para contar, para construir a grande história da fundação de Javé, resgatando suas histórias orais e escrevendo o "livro da salvação", na tentativa de salvar o vilarejo do desaparecimento.

Outro aspecto relevante que podemos destacar é o uso da história oral, o personagem Antônio Biá, que conhece a arte da escrita (contando mentiras muito bem no vilarejo), e por ser o único adulto que sabe ler e escrever na comunidade é escolhido como a pessoa que vai escrever o livro e assim salvar a comunidade do apagamento. Ele vai assumir o papel de ouvir, selecionar as informações, registrar as memórias das pessoas e tentar construir as narrativas. As situações vividas por Biá permitem discutir e questionar os procedimentos envolvidos na construção da escrita da história.

O conceito de patrimônio também é trabalhado no filme, uma vez que as pessoas estão querendo preservar além de suas memórias o seu espaço físico, pois dentro da construção de suas identidades podem perder referencias importantes das suas memórias coletivas e das memórias pessoais.

Desta forma, o filme Narradores de Javé foi trabalhado com alunos do primeiro ano do ensino médio na Escola de Referência de Ensino Médio Santa Ana, localizado em Olinda, Pernambuco, com a intensão de fazê-los compreender e refletir sobre os conceitos introdutórios da história e o método do fazer a história, percebendo-a não como simples narrativa, mas como tendo um conjunto de métodos no fazer historiográfico. Assistindo ao filme os alunos são levados a refletir sobre o fazer da história, o fazer historiográfico, surgindo a reflexões: quem produz a história? Quais histórias serão contadas, qual a versão ou as versões corretas, existe uma única versão? Quais interesses surgem? Há alguma intenção em quem conta a história? Qual a importância da história das mulheres? Todas essas questões são pensadas e discutidas pelos alunos em sala de aula. O fazer da história é colocado a prova dentro de um processo de conhecimento construído em sala de aula a partir do uso do recurso cinematográfico.

O objetivo deste trabalho é analisar como o uso do filme pode favorecer a compreensão dos conceitos de história, memória e fazer da histórica. A metodologia didática consistiu na exibição do filme seguida de atividades orientadas, debates e produção escrita pelos alunos. Os resultados evidenciaram que o recurso cinematográfico facilitou a compreensão das diferenças entre memória e história, bem como das disputas

de narrativa e das relações de poder envolvidas na construção do conhecimento histórico. Parte dos alunos demonstraram interesse pelo filme e participação nas discussões refletindo sobre a construção da história, por outro lado, também houve os que não tiveram interesse, tanto aqueles que habitualmente não se integram aos trabalhos escolares como aqueles que não se identificaram com o formato e a linguagem de uma produção cinematográfica mais antiga. Assim, o presente artigo se propõe a discutir as possibilidades e limites da utilização de filmes como recurso pedagógico no ensino de história.

1. HISTÓRIA, MEMÓRIA E FONTES: REFLEXÕES SOBRE O FAZER HISTORIOGRÁFICO.

Na introdução ao estudo da história é necessário compreender as relações entre história e memória para o desenvolvimento do conhecimento histórico, entendendo também, que, apesar dessa relação, eles não são equivalentes. A memória está relacionada às experiências, lembranças, identidades e representações construídas pelos indivíduos e grupos em relação ao passado. Já a História é construída por meio da investigação e da interpretação de fontes e vestígios.

Além disso, a compreensão do fazer historiográfico exige entender que a História não se limita à descrição de acontecimentos passados, mas busca compreender as ações humanas em seus respectivos contextos temporais e sociais. Nesse sentido, Marc Bloch (2001, p. 55) afirma que a História é uma ciência que estuda os seres humanos no tempo. Essa perspectiva pode ser relacionada ao filme *Narradores de Javé*, no qual os moradores da comunidade procuram registrar suas memórias e experiências diante da ameaça de desaparecimento do lugar onde vivem. A narrativa cinematográfica permite discutir com os estudantes que a construção do conhecimento histórico envolve a interpretação de diferentes relatos, a análise das memórias e a compreensão das experiências humanas em seus contextos. Dessa forma, o filme contribui para a reflexão sobre a diferença entre lembrar o passado e produzir conhecimento histórico sobre ele.

ISSN: 2358-8829

Para essa discussão de produção do conhecimento histórico é interessante destacar o conceito de consciência histórica trabalhado por Jörn Rüsen (2001), o autor coloca que a consciência histórica não é um privilégio de pessoas capazes de pensar historicamente, mas é uma coisa inerente a todo ser humano e que ocorre junto com a intencionalidade da vida prática, do dia a dia. A consciência histórica está relacionada à maneira como os sujeitos interpretam suas experiências temporais e estabelecem relações entre passado, presente e futuro.

Em relação ao conceito de memória, Jacques Legoff (1990) destaca sua importância para a compreensão das sociedades, mostrando que ela não constitui apenas um mecanismo individual de armazenamento de lembranças, mas está relacionada a formação das identidades individuais e coletivas de uma sociedade. Nesse contexto, lembrar significa selecionar o que se lembra e o que se esquece. Determinados acontecimentos são lembrados enquanto outros são esquecidos, apagados, silenciados. Há uma relação de poder e de interesses de quem lembra e de quem esquece, essa é um dos objetos da investigação histórica.

Em “Narradores de Javé”, essa questão aparece de forma bem evidente. Os moradores narram diferentes lembranças do surgimento da comunidade e a partir de seus interesses evidenciam quais personagens e histórias são considerados importantes para cada indivíduo. Cada pessoa vai passar sua percepção dos acontecimentos, mostrando que a história não é homogênea, diferentes sujeitos podem atribuir significados diferentes para um mesmo fato.

Destaca-se também o conceito de “lugares de memória”, de Pierre Nora (1993), para o autor determinados espaços, objetos, acontecimentos, símbolos e práticas passam a representar memórias coletivas, fazendo uma ponte entre o momento presente e o que se quer preservar. A comunidade de Javé é um lugar repleto de memórias e significados, sua destruição representa não apenas a perda de casas, apesar de ser uma parte importante, mas significa perder também história, referencias, afetividades, experiências, vivencias e identidade.

O filme ainda leva ao debate do conceito de patrimônio histórico, pois preservar um patrimônio, significa reconhecer que determinados bens, práticas ou lugares possuem

valor histórico e cultural para uma sociedade e, por isso, devem ser preservados. Nesse contexto, o reconhecimento envolve, disputas, escolhas e diferentes interesses.

No filme, os moradores percebem que para serem reconhecidos como importantes, como tendo uma história e um patrimônio seria necessário colocar todas as histórias orais no papel. A escrita surge como instrumento de legitimação e preservação. É nesse contexto, que o filme permite pensar sobre o que o historiador faz. O trabalho do historiador não é apenas registrar o que as pessoas lembram, as memórias precisam ser problematizadas, confrontadas, interpretadas.

2. O FILME NARRADORES DE JAVÉ COMO RECURSO PEDAGÓGICO: CINEMA, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA.

Tentar deixar o conteúdo mais claro para os alunos é sempre o desafio. O uso do filme vem no sentido de auxiliar as discussões em sala de aula e trabalhar conceitos importantes, nesse caso específico, trabalhar a introdução a história e ao fazer historiográfico. Com a utilização do filme, Narradores de Javé, é possível fazer várias perguntas partindo das questões e contradições colocadas pelo filme. Marcos Napolitano (2015) chama atenção para a necessidade de uma utilização planejada da linguagem cinematográfica. O filme não deve ser compreendido simplesmente como substituto da aula ou como uma forma de preencher o tempo escolar. Sua utilização pedagógica precisa estar articulada aos objetivos de aprendizagem

"Tirar da cabeça, minha gente, e colocar no papel. Se Javé tem algum valor são as histórias das origens, dos guerreiros lá do começo. É isso minha gente, isso é patrimônio, isso é história grande." (Narradores de Javé, 2003). A intenção é salvar a comunidade de Javé da inundação por causa da construção da barragem, aqui podemos relacionar um conceito importante, o de patrimônio e discutir: o que é patrimônio? quem define o que é patrimônio?

É nesse momento, que os moradores começam a se organizar e a pensar em como vão passar para o papel suas histórias orais passadas de geração em geração: "e como vamos juntar as histórias, se tá tudo espelhado na cabeça do povo?" Quem é "o mão santa" que vai "escrivinhar" as letras no papel?" (Narradores de Javé, 2003). E, destaca-se no

ISSN: 2358-8829

filme que, não apenas "escrivinhar" as memórias, mas escrever de forma científica. Surge então o nome de Antônio Biá, nosso personagem principal, que terá a árdua tarefa de juntar narrativas e memórias e colocar a história de Javé no "livro da salvação". Ele foi escolhido pela comunidade, pois é o adulto que sabe escrever. "Antônio Biá trabalhava num posto dos Correios. E pra que um posto dos Correios num lugar que ninguém sabe escrever?" Sendo o único que sabe escrever, Antônio Biá, começa sua tarefa de contar a grande história do Vale de Javé. Memórias são resgatadas, narrativas surgem e dentro desse processo interesses, contradições e várias versões diferentes de um mesmo acontecimento.

Portanto, o filme origina a discussão e faz com que os alunos reflitam sobre as situações mostradas no filme e questionem: quem deve ser considerado o fundador ou fundadora de Javé? Qual versão é a verdadeira? Qual deve ser registrada? O que fazer quando se tem diferentes versões do mesmo fato? O que faz com que uma memória seja uma fonte para a produção histórica? Qual a relação entre memória, patrimônio e identidade? Essas questões são extremamente pertinentes e produtivas para o ensino de história e para se pensar no fazer da história, percebendo-a não como estática, definitiva, mas em constante transformação a depender das fontes, das perguntas que podem ser feitas e do recorte.

Podemos incluir na discussão também a história das mulheres, incluído no filme pela personagem de Maria Dina, descrita ora como guerreira e peça importante na fundação de Javé, ora como uma louca que vivia na região fazendo profecias. Dentro desse contexto, surge a questão dos interesses envolvidos nas versões contadas. "O fato é que tem muita gente aqui que não dá crédito a Maria Dina, sabe por que, minha gente? Por que era mulher!" A primeira versão conta a história de Maria Dina como guerreira e como importante, mas logo é contestada por um morador: "Sei que tá com invenção pra engrandecer os parentesco". (Narradores de Javé, 2003).

Esse fazer a história da comunidade de Javé levam os personagens a se envolverem com suas memórias e são contadas várias versões, levando a enfrentamentos, dúvidas, confusão: "Mas como é que fica seu, Biá? Sei lá? Só se eu colocar as duas." (Narradores de Javé, 2003). Nesse momento, há uma votação que acaba em confusão, pois algumas pessoas votam duas vezes. Os alunos acham engraçado e foi pedido para prestarem atenção nessa parte para que possamos discutir depois.

ISSN: 2358-8829

As contradições trazidas no filme, as várias versões, os interesses em jogo deixam Antônio Biá sem dormir, preocupado por não conseguir escrever, talvez contar a história não seja tão fácil quanto apenas “escrivinhar” as lembranças no papel e os alunos perceberam essa dificuldade mostrada no filme.

A experiência, como mencionado anteriormente, foi desenvolvida por alunos do primeiro ano do ensino médio na Escola de Referência em Ensino Médio Santa Ana, localizada na cidade de Olinda, Pernambuco, no ano de 2026, cada turma tem aproximadamente 40 alunos, o que torna o trabalho um pouco complicado em virtude de termos turmas numerosas.

A atividade entre assistir ao filme, a discussão e a produção dos alunos foram planejadas para quatro aulas e teve como eixo as palavras chave: história, memória, patrimônio e saber historiográfico. Antes da exibição do filme, foi realizada uma aula introdutória sobre conceitos com o objetivo de direcionar um olhar mais historiográfico para o filme. Foram discutidas questões como: o que é História? O que é memória? Qual a relação entre memória e História? O que pode ser considerado patrimônio? Por que determinadas lembranças e lugares são preservados? A partir desses questionamentos cria-se um repertório conceitual para que eles possam refletir sobre o que veem no filme e fazer suas ligações e reflexões.

A próxima etapa foi a exibição do filme, a escolha pela exibição completa se deu pela intenção de fazer com que os alunos acompanhassem o desenvolvimento da narrativa, reconhecendo os problemas, os conflitos e as contradições encontradas, além da multiplicidade de personagens e relatos distintos.

Após a exposição do filme, foi realizado um debate. Dentro desse contexto, de uma turma numerosa, pode ser um processo desafiador, pois muitos começam a falar ao mesmo tempo tornando impossível ouvir, é necessário fazer com que cada um fale na sua vez para que todos escutem e, assim, possamos contribuir com as impressões dos alunos. Uma das questões principais apontada pelos alunos foi sobre a mobilização dos moradores de Javé para registrar a história da comunidade e, assim, salvá-los do fim, impedindo que suas casas e seu local fossem inundados, incluindo o cemitério. Nesse momento, os alunos usaram os conceitos que foram trabalhados em aulas anteriores, como história, memória, identidade, patrimônio e o fazer da história. Além de questões

ISSN: 2358-8829

conceituais, os alunos também pontuaram partes engraçadas do filme e lincaram com o fazer historiográfico, outros destacaram a antiguidade do filme e a qualidade das imagens, pois um filme de 2003, mas isso não foi um impeditivo para o desenvolvimento do trabalho.

Depois desse processo de discussão sobre o filme chegou a hora de produzir o que aprenderam ao assistir ao filme e a relação com os conceitos estudados em aula, para tanto foi pedido que eles "escrivinhassem", colocassem no papel o que eles entenderam sobre o discutido e sobre a relação história, memória e patrimônio relacionando com o filme, alguns fizeram ótimas produções textuais, contextualizando e realizando o solicitado, foi pedido também que alguns compartilhassem o que escreveram, tivemos mais um momento de discussão e finalização da atividade com a exposição do que foi estudado.

Como destacado anteriormente, nem todos os alunos conseguem prestar atenção ou se interessam pelo filme, tanto pela falta de interesse em participar e desenvolver qualquer atividade relacionada ao estudo, a escola, como pela falta de concentração em filmes mais longos, na era dos vídeos curtos ou acelerados das redes sociais. Alguns comentaram que o filme era velho, antigo, por causa do formato, qualidade da imagem. Mas de uma forma geral, o trabalho desenvolvido foi positivo, ao atingir a maioria dos alunos, fazer com que eles discutissem e produzissem a partir do filme tornou a aula mais rica. O recurso cinematográfico carrega em si um misto de magia e encantamento e prende os alunos com cenas engraçadas, tensão, aventura, enfim, a arte do cinema é um aliado no ensino e, nesse caso, pode ser um aliado importante para o ensino de história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do filme como recurso didático é interessante para que os alunos possam, com a mediação do professor, entender melhor o conteúdo ao mesmo tempo em que constroem suas próprias impressões. Nesse caso específico, o do fazer da história. Assim, Narradores de Javé, é um filme que, mesmo sendo considerado antigo pelos alunos, continua encantando quem o assiste, de abordagem acessível e simples, o filme envolve e tira algumas risadas dos alunos, ao mesmo tempo em que os fazem refletir sobre

o trabalhado em sala, principalmente, quando articulada a objetivos pedagógicos delimitados e atividades de discussão e problematização.

A obra possibilitou trabalhar conceitos como História, memória, patrimônio, identidade e o fazer historiográfico. Assim, o cinema é um importante recurso, que auxilia o professor a fazer a transposição didática e a construir junto com os alunos o conhecimento. Os alunos se sentem participantes do processo de ensino aprendizagem. Portanto, a experiência mostrou que Narradores de Javé tem potencial de mobilizar e aproximar conceitos considerados abstratos da realidade concreta do aluno.

O filme permitiu aos alunos perceberem a existência de diferentes versões do passado, que o fazer da história pode ter interesses, relações de poder, apagamentos, falseamentos e que, portanto, é necessário questionamento, escolha, análise, seleção, verificação, o uso de fontes, entendendo assim, que a história tem um método. O filme, nesse sentido, não deve substituir a reflexão histórica, mas servir como pontos de partida para produzi-la.

Também é necessário reconhecer os limites, pois nem todos os estudantes apresentaram o mesmo grau de envolvimento, alguns demostraram desinteresse pelo filme e pelas atividades propostas, o que evidencia que estratégias não produzem resultados homogêneos e nem sempre consegue atingir a todos. Apesar disso, o uso do filme alcançou uma boa parte das turmas e foi possível desenvolver um trabalho no qual houve sensibilização, discussão, problematização e participação dos alunos. Narradores de Javé continua encantando e ensinando pela sua simplicidade, forma e encanto que só o cinema pode despertar e sem dúvida é um recurso importante para o processo de ensino e aprendizagem no ensino de história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

Narradores de Javé. Direção: Eliane Caffé, Produção: Vânia Catani, Rio de Janeiro: Bananeira Filmes, 2003. 1 filme (100 min). Arquivo digital (mp4).

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.